

O PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO CEARÁ: ALVORECER DE UM OFÍCIO

Eluziane Gonzaga Mendes ¹

RESUMO

O alvorecer do ofício de professor de geografia tem como cenário a escola secundária Liceu do Ceará. Instituição que teve em seu quadro docente inúmeros intelectuais que desenvolveram a geografia cearense escolar e científica. Compreender a formação da geografia escolar e ação desses sujeitos ao assumir a função de professor foi um dos pontos específicos desta pesquisa desenvolvida no Doutorado em Educação (UFC). A metodologia foi a historiográfica, baseada na investigação de documentos oficiais, em registros de arquivos públicos e privados, bibliotecas, obras raras, pesquisa bibliográfica em dissertações e teses, mensagens dos presidentes da província, análise dos currículos escolares e, sobretudo, de textos publicados nas Revistas do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, permitindo acesso aos escritos que compunham o passado da Geografia. Portanto, ao relacionar a rede de informações documentais e bibliográficas foi possível construir um panorama da trajetória das principais características da identidade e práticas docentes dos sujeitos que assumiram o desenvolvimento da Geografia escolar cearense, além das características enquanto saber curricular.

Palavras-chave: Geografia Escolar Cearense, Intelectuais da educação, Liceu do Ceará.

INTRODUÇÃO

Ser professor é um dos ofícios mais remotos que se conhece. Contudo, nem sempre teve a mesma conotação e contexto. Como refletir sobre o surgimento do professor de geografia? Ao investigar as trajetórias de alguns intelectuais cearenses, identificamos que dentre suas escolhas profissionais assumiram a função de professor de geografia, concomitante a outros cargos, sobretudo, os da administração pública e da política. Os professores de geografia não tinham formação na área, portanto, no Brasil e, conseqüentemente, no Ceará a Geografia foi sendo constituída “[...] em um país sem geógrafos”, assim já havia indagado Sousa Neto (1997), pois não existia formação superior para bacharel ou licenciado em geografia.

Os professores que ensinavam geografia eram considerados autodidatas ou então provenientes de outras formações, especificamente, da área de humanidades, daí justificar o alvorecer de uma profissão. A geografia brasileira foi nascendo pelas mentes de intelectuais

¹ Bacharel e Licenciada em Geografia (UECE), Especialista em Ensino de Geografia (UCAM), Mestre em Geografia (PROPGEO/UECE), Doutora em Educação Brasileira (PÓSEDUCA/UFC), Professora EBT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Email: eluziane.mendes@ifce.edu.br.

que se inter-relacionavam com o estudo da natureza e com a formação dos lugares. Em sua grande maioria participavam da formação de agremiações literárias e científicas, concomitante a criação de instituições escolares. Os primeiros licenciados em Geografia formados no Brasil foram frutos da “fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), em 1934, e do Departamento de Geografia, em 1946, que teve papel fundamental no desenvolvimento da ciência geográfica no País e na formação de licenciados para o ensino da disciplina”, garante Pontuschka *et al.* (2007, p.45).

Antes da fundação da USP, quem eram os professores de Geografia? A autora explicou, que “[...] existiam pessoas que, egressas de diferentes faculdades ou até mesmo das escolas normais, lecionavam essa disciplina, assim como outras. Eram professores de Geografia, principalmente, advogados, engenheiros, médicos e seminaristas”, segundo Pontuschka *et. al.* (*op. cit.*, p. 45).

Compreender as origens do surgimento do professor de geografia no Ceará foi um dos pontos específicos desta pesquisa. No artigo que ora se desenvolve foi delimitada como instituição escolar o Liceu do Ceará, o principal berço do exercício da docência de grandes mestres da Geografia local.

A ESCOLHA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A historiografia foi a escolha metodológica da pesquisa. O limite temporal da investigação de fontes ocorreu entre os anos de 1887 a 1947, período entre o final do Império e meados da República brasileira. Esclarecemos que o marco inicial corresponde à instalação do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e o limite final, a data referente à criação do primeiro curso superior para formação de professores de geografia e história, demanda referente ao ensino secundário no Ceará.

Com o desenvolvimento da pesquisa de fontes documentais, bibliográficas e imagéticas, compreendemos que para investigar a Geografia escolar cearense foi possível seguir alguns eixos: a pesquisa dos sujeitos, com a construção de história das mentalidades da época, por meio de biografias, obras produzidas e atuações institucionais docentes e científicas; e o outro caminho a investigação das instituições, seus currículos, obras raras, seguindo da análise de fontes oficiais, planos da educação pela via político-estrutural da educação cearense. E ao compreender a forte atuação das instituições escolares e a participação dos professores, investigou-se as principais trajetórias de intelectuais cearenses

que assumiram a geografia como docência, além das obras didáticas implementadas e a análise dos currículos escolares da época.

O ENSINO SECUNDÁRIO E A GEOGRAFIA CLÁSSICA E MNEMÔNICA DO LICEU DO CEARÁ

Não temos como falar do alvorecer dos professores de geografia sem lembrar das respectivas instituições em que atuaram ou obtiveram suas formações docentes. Portanto, foi imprescindível lembrar da existência do Liceu do Ceará considerado uma das escolas mais importantes de toda Província no período em análise.

A realidade do ensino secundário no Ceará teve por porta de acesso às cadeiras difusas pelas Vilas do interior e pela implantação do Liceu do Ceará criado em 1845. Com a participação no projeto político de educação cearense, Thomaz Pompeu de Souza Brasil foi considerado o primeiro professor da cadeira de Geografia e História. Essas disciplinas estavam presentes no currículo dessa escola desde a fundação, além de ter desenvolvido compêndios para o ensino da Geografia escolar.

Criado para implantação do ensino secundário, reorganizado conforme o regulamento de 21 de março de 1894, as aulas inaugurais iniciaram no dia 15 do mês seguinte, no mesmo ano da reestruturação. Foi equiparado ao Ginásio Nacional pelo Decreto n.º 1394 de 20 de novembro de 1894. Considerado o terceiro² colégio mais antigo e o segundo mais importante estabelecimento de ensino do País, segundo Sabóia (1995). Este também foi um dos professores de geografia da instituição, ingressou como professor em 1935. Neste período já começou a perceber as mudanças que distanciavam a instituição do período de glória de outrora.

O colégio era afamado como centro cultural do Ceará. Formador de muitas lideranças que se destacaram na política e em diversas profissões. Sabóia (1995, p.21), contou que o Liceu foi “equiparado ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, fundado em 1837, era o terceiro estabelecimento de ensino mais antigo do País, o que empolgava os que nele estudavam e aos que, como eu, aspiravam ingressar como professor”.

Criado nos moldes do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, como vimos, o Liceu do Ceará era uma das principais instituições de ensino secundário da Província. Nesta escola lecionaram várias personalidades da vida intelectual e da elite cearense. Instituição responsável pela inspeção da instrução pública no Estado e por habilitar os professores para o

² Vitor Hugo (1945) o considerou como o quarto mais antigo colégio secundário do Brasil. Informação auferida do seu livro “O Liceu do Ceará em cem anos”.

ensino primário, tendo em vista a Escola Normal ter sido implantada somente em 1884, instituição responsável pelos Exames de Capacidade Profissional que habilitavam os professores.

Para cargo efetivo nesta instituição secundária, o professor era sujeito a participar de concurso público, com várias fases, dentre estas: concurso de títulos, aula didática, prova escrita, currículo, experiência docente. As bancas das provas didáticas eram compostas, na maioria, por professores de outros estados, consideradas verdadeiras defesas de teses, que por vezes, demoravam horas no processo de arguição da banca e defesa dos certames pelos candidatos, assim revelou Sabóia (1995, p. 38-39). Conforme o mesmo pesquisador, “até a Constituição de 1946, os catedráticos do Liceu eram inamovíveis e seus vencimentos irredutíveis, em virtude de princípio constitucional” (op. cit., p.39). O último concurso nesses moldes ocorreu em 1958 para a cadeira de química.

A princípio, o Liceu contava com um corpo docente de 12 professores efetivos vitalícios, mas para atender a crescente demanda de alunos, os gestores decidiram por contratar professores, suprimindo as aulas denominadas de suplementares, aquelas que não eram aceitas pelos efetivos. Os professores de disciplinas suplementares passavam por seleção, porém sem concurso público, eram professores extranumerários, como o caso do prof. Boanerges Sabóia, em 1935 que assumiu cadeira suplementar.

A Geografia era uma disciplina curricular que sempre esteve presente no currículo do Liceu. Portanto, foi desmembrada da cadeira de História, tornando-se cadeiras distintas. Separação sancionada por André Augusto de Pádua Fleury, baseado na Lei n.1908, de 6 de setembro de 1880, dizendo assim: “separado o ensino de História do de Geografia, constituindo cada uma dessas disciplinas uma cadeira especial”, fato retratado por Castelo (1970, p.131).

Dentre os intelectuais da época, que assumiram cadeiras no início da formação do Liceu na disciplina de Geografia, bem como suas congêneres como Cosmografia, Corografia e Astronomia, destacamos a marcante presença do Senador Pompeu, o filho do Senador, Thomaz Pompeu, Rodolfo Teófilo, Antonio Teodorico da Costa e Antônio Augusto de Vasconcelos. Intelectuais pertencentes ao Instituto do Ceará, alguns deles foram produtores de material didático e pouco se conhece sobre suas obras na história do pensamento da geografia no Brasil e principalmente no Ceará.

Rodolfo Marcos Teófilo, além de farmacêutico e sanitarista, foi um dos professores do Liceu, na cadeira de Meteorologia, Mineralogia e Geologia, ligada à área de Ciências Naturais, segundo Vitor Hugor (1945). E ainda, foi um grande estudioso do “flagelo

das secas” de suas causas e consequências para o povo e para a Terra. Afirmou Paiva (2002, p.127), que Rodolfo Teófilo em sua atuação como professor, além do Liceu integrou, “[...] o corpo docente da Escola Normal do Ceará em 1889, ensinando Ciências Naturais. A partir de 1890 vinculou-se ao Liceu do Ceará, como professor interino de Biologia e Ciências Naturais, antes de se tornar catedrático de Mineralogia, Geografia e Meteorologia (1894).”

A Geografia disciplina tinha um programa extenso, cobrada em processos avaliativos por meio da memorização. Características próprias do ensino da geografia clássica e tradicional. Entretanto, interessante notar, que mesmo, no início do século XX, já existiam alguns docentes que compreendiam que ensinar e aprender geografia deveria ser um caminho processual. A compreensão dessa ciência de forma processual conforme Moraes (2005, p. 34) é resultado de ser a geografia “por excelência, uma disciplina de contato entre as ciências naturais e as humanas, ou sociais”. Daí a dificuldade de desenvolver um trabalho pedagógico tão sintético.

A seriação do conteúdo no tempo de ensino e de faixas etárias facilitava a melhor compreensão de conceitos, ideias e conhecimentos práticos locais. Em virtude das particularidades da geografia e das outras disciplinas, bem como das intenções curriculares em fortalecer o sentimento de Nação, por vezes os programas de ensino das instituições secundaristas foram modificados em meio a regulamentos da instrução de ensino em nosso país e Estado.

No Liceu do Ceará, os saberes referentes a essa disciplina receberam diversas denominações e, por um bom tempo, foi atrelada ao ensino de História: no primeiro momento era a disciplina de Geografia, História e Corografia, posteriormente Geografia e *Corografia*³ e Elementos de Corografia, segundo Vitor Hugo (1945). Vejamos a conceituação de corografia que José Pompeu de A. Cavalanti (1887, p. vij-viii), escreveu em seu livro “O Ceará em 1887: Corographia da Província do Ceará”, nas noções preliminares, explicou que:

Por corographia entende-se a descrição de uma parte limitada da terra, como um Estado, uma província etc.

Quando a descrição se restringe ainda mais como à uma cidade, uma villa, etc., designa-se com o nome de topographia.

³ Mesmo partindo-se do contexto clássico, já existia outra dimensão do conhecimento geográfico que se denominava *corografia*. E a partir dessa vertente, a geografia aproximava-se em sua feitura com o conhecimento histórico. Por ser a corografia, segundo a compreensão de Capel (1981; 1989), um informe descritivo resultante da observação e da investigação. Outra informação interessante, extraída do referido estudioso, é que a partir do “*Panepistemon de Poliziano* (1491) foram realizadas as primeiras classificações das ciências e permitiram que a geografia fosse classificada em mais de um grupo. Daí, Hobbes (1651) ter a considerado como uma ciência da razão e da matemática, já Bacon (1623) a incluiu entre as ciências da memória, no grupo das ciências históricas, inclusive da história natural e da história civil”.

A corographia se divide em physica e política.

Corographia physica trata das divisões naturaes do territorio, que descreve, da sua configuração, da accidentação da superfície, das suas produções, dos phenomenos metereológicos que se dão na atmosphaera, do seu clima, etc.

A corographia política estuda a sua classificação como Estado ou província, as suas divisões legaes ou convencionaes, a sua população, condições Moraes de seus habitantes, costumes, lingua, religião, agricultura, industria, comercio, riqueza, vias de comunicação, instituições, legislações, historia, etc

A conceituação de Cavalcanti esclareceu a compreensão que se tinha sobre os saberes geográficos. A divisão em corografia física e política foi seguida por muitos dos pesquisadores da época, ao lembrar do que vimos nos capítulos anteriores. Na atualidade, poderíamos comparar essa divisão de conteúdos com o que vem se desenvolvendo sobre a geografia física/da natureza e a geografia humana/social. Portanto, percebemos que o conhecimento geográfico foi sendo organizado e sistematizado em livros, compêndios, manuais e dicionários entre outras obras produzidas no período em análise a partir dessas primeiras concepções e subdivisões curriculares.

Outra forma de apresentação da geografia nas escolas, sobretudo, as secundárias, foi o ensino da *Cosmografia*⁴, um estudo relacionado à compreensão da astronomia, com a descrição matemática da Terra, assim como veremos no livro de geografia escolar de Menezes Pimentel Júnior (1935). Percebemos, ainda, que ao aproximar a geografia da descrição matemática e física da Terra, estes condicionantes lhe deram caráter mais exato, tornando-se assim as primeiras referências quando se pensava nesse saber até meados do século XIX. Resquícios desse pensamento estiveram presentes até tempos recentes a despeito do que tratava a *cosmografia e a corografia*, inclusive como disciplina escolar no Ceará.

Lembremos que ao pensar sobre geografia escolar ou não, nossa memória nos remetia à descrição e localização pontual dos lugares, as famosas latitude e longitude, a citar como exemplo. Era dessa forma que esse saber inicialmente foi utilizado, inclusive, na produção de textos históricos que, na maioria, iniciavam com argumentos referentes à localização espacial, a exemplo dos artigos dos intelectuais do Instituto do Ceará. Sobre o

⁴ A história da Geografia apresenta as vertentes pelas quais esta ciência foi sendo constituída. A princípio, no que se considera como contexto clássico, foi sendo formada a partir das ciências matemáticas, da física e da astronomia. Horacio Capel explicou que a “geografia era uma parte da cosmografia que se dedicava ao estudo matemático da Terra e da investigação de sua estrutura física. Na linha da tradição de Eratóstenes, de Hiparco e de Ptolomeu” (s/d, p.9, tradução nossa). Horacio Capel é pesquisador espanhol referência na produção de estudos voltados para a História da Geografia. Em seu texto “Geografia Humana y Ciencias Sociales; un perspectiva histórica”, Montesinos, s/d.

conceito de corografia compreendemos que o conhecimento “humano” e histórico na geografia foi sendo desenvolvido por essa vertente do saber.

O saber corográfico era formado pela descrição física dos lugares, incluindo saberes sobre os povos, assim como retratado pelo livro de Cavalcanti (1888). E desta última proposição, o conhecimento sobre o homem e sua cultura, deu-se pela relação da geografia com a antropologia⁵, em outras palavras, a busca do conhecimento sobre a cultura, das atividades produtivas e o próprio modo de viver dos povos em seus lugares. Assim explicitou Horacio Capel (1981, p. 10):

Este carácter descriptivo, o “histórico”, de la geografía se afirmó a lo largo del siglo XVIII y primera mitad del XIX, período durante el cual la geografía se fue identificando de forma creciente con la descripción enciclopédica de países, a la vez que disminuía su relación con la matemáticas. El desarrollo de ciencias especializadas de la tierra (geodesia, geología, etc.) explican este creciente divorcio entre la geografía y las disciplinas físico-matemáticas, que desde luego, no llegó a ser nunca total.

Portanto, temos aqui uma clara explicação que os saberes científicos e escolares, desde o final do século XIX, já começavam a se imbricar. Não existia uma dissociação abrupta, a exemplo das descrições enciclopédicas de países produzidas em meio a Institutos e Sociedades Geográficas. Tornou-se um momento marcante na trajetória da geografia mundial e nacional, influenciando, inclusive, o ensino da geografia nas escolas, com a criação de manuais de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ficou para os professores a responsabilidade de ensinar os inúmeros conteúdos catalográficos para os alunos. E por esse magistério passaram vários docentes. Contava o Liceu, além de professores como principal recurso para o ensino, com a existência de materiais didáticos, que apesar da escassez, utilizavam nas aulas manuais e compêndios, instrumentos de desenho, globos, mapas entre outros, e ainda a utilização de sala especial de apoio às aulas, conforme conta a historiografia da instituição.

⁵ Assim como a Geografia, a Antropologia passava por indefinições de seu objeto e metodologias de campo. Portanto, quando ainda não se tinha a sistematização da antropologia diversos profissionais como médicos, filósofos e geógrafos desenvolveram estudos antropológicos em seus três níveis (etnologia, etnografia e antropologia). Afirma Capel (1989, p.23-24), que nenhuma outra ciência teve mais problemas em comum com a Geografia quanto a Antropologia. Numerosos trabalhos foram desenvolvidos entre as duas ciências desde o início do processo de sistematização de ambas.

A Geografia no Ceará passou de um ensino, meramente descritivo e catalográfico, para uma ciência capaz de racionalizar o conhecimento sobre as potencialidades da natureza e das mudanças sociais. Professores que, a princípio, não tiveram formação superior em Geografia, foram responsáveis pela produção dos saberes sistematizados sobre o Ceará e boa parte do que se escreveu sobre a geografia escolar cearense. Uma maneira de participar da formação de uma Geografia em ascensão científica, eles eram estudiosos engajados em pesquisas em várias instituições da época, com o Instituto do Ceará.

No quadro abaixo foi possível identificar as múltiplas instituições por onde passaram esses professores, com destaque para participação no Instituto do Ceará, no Liceu do Ceará, Escola Militar, Escola Normal e Faculdade Livre de Direito, instituições, reconhecidas pelo *status* de conhecimento e saber, que possibilitaram distinção e prestígio social aos professores:

QUADRO 1
Professores de geografia entre os séculos XIX e XX

Professores de geografia	Instituições	Ano
Thomaz Pompeu (Senador)	Liceu do Ceará / Instituto do Ceará	1845
João Araújo Costa Mendes	Ateneu Cearense	1863
Rodolfo Teófilo	Escola Normal Liceu do Ceará Instituto do Ceará	1889 1894
Antônio Teodorico da Costa	Liceu do Ceará	
Antônio Augusto de Vasconcelos	Escola Militar do Ceará Liceu do Ceará Faculdade de Livre Direito Instituto do Ceará	1899
Júlia Vasconcelos	Escola Normal Instituto do Ceará	1903
Padre Carlos Antônio Barreto	Escola Normal	
Tomaz Pompeu de S. Brasil (filho)	Escola Militar do Ceará Liceu do Ceará Faculdade de Livre Direito Instituto do Ceará Instituto do Ceará	1876 1903
Boanerges Sabóia	Liceu do Ceará	1935
Martins Filho	Faculdade de Direito Instituto do Ceará Habilitado para professor de geografia	1943
Caio Lóssio Botelho	Liceu do Ceará Formado em geografia pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará – FAFICE (1956) Instituto do Ceará Universidade Estadual do Ceará	1968
Rubens de Azevedo	Formado pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará – FAFICE (1953) Criador da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia – SBAA e em 1948	1970

	Instituto do Ceará Universidade Estadual do Ceará	
--	--	--

Fonte: Mendes 2012, adaptado das Revistas do Instituto do Ceará (1887-1950).

Destacamos, que em múltiplas instituições de produção do saber local, os intelectuais contribuíram para o desenvolvimento do que denominamos de geografia do Ceará, científica e escolar. Outro ponto que ressaltamos é que os núcleos da elite letrada eram formados, praticamente, pelos mesmos representantes, não havendo muitas distinções na produção do saber.

Além dos professores identificados no quadro acima, foram inúmeros aqueles que ensinaram Geografia no Liceu do Ceará, segundo Sabóia (1995), no período entre 1946 e 1962, com destaque para os seguintes: Boanerges Cisne de Farias Sabóia, Caio Lóssio Botelho, Domingos Braga Barroso, Fernando Alves Milanez, Hélder Veríssimo Lima, João Alfredo Montenegro, José Cabral de Menezes, José Cândido Cavalcante da Nóbrega, Osmírio de Oliveira Barreto, Paulo Maria Óthon Sidou, Raimunda Amélia de Sá Furtado.

Na época, ter sido professor no ensino secundário do Liceu do Ceará era um sinal de *status* social. Esse cargo foi uma prioridade quase que, absolutamente, masculina, ocupado por professores que na maioria eram advogados, ex-seminaristas e alguns formados em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará em 1956.

Outra personalidade da história da geografia escolar cearense, que se candidatou a ser professor do Liceu foi Martins Filho (1983, p.17). Assim pronunciou em seu livro autobiográfico, dizendo: “no início desse ano (1943) fui preterido em minha esperada nomeação para professor de Geografia do Liceu do Ceará, matéria que me achava registrado no Ministério da Educação e Saúde”. A solicitação de Martins Filho foi indeferida pelo interventor Federal do Ceará, Dr. Francisco de Menezes Pimentel, que lhe ofereceu outra oportunidade. Apesar de estar legalmente habilitado a exercer a docência em geografia, convidou-lhe a assumir cadeira como professor da Faculdade de Direito. Assim realizou concurso para assumir a cadeira, no ensino superior.

Fato interessante, Martins Filho era formado em Direito, contudo, realizou registro no Ministério da Educação, para assumir a cátedra de geografia. Para adquirir uma vaga no Liceu era necessário submeter-se a concurso público para alcançar o registro/habilitação para professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário da educação cearense nos parece emblemático. Ao que pudemos compreender existiam realidades diferentes ao que se aludia ao processo de seleção e habilitação de professores para o ensino primário e secundário ao caracterizar a realidade dos professores no Liceu do Ceará.

A criação dos currículos e disciplinas era tarefa que poderia ser feita pelo Governador da Província, mas com aprovação da assembleia. A geografia era presente com mais frequência nas séries referentes ao que denominamos de segundo grau. Como a Geografia e a História eram consideradas disciplinas de conhecimento extenso também eram ensinadas nas últimas classes de ensino primário, substituídos pelo ensino de prendas domésticas em relação ao ensino feminino⁶. Contexto que foi se modificando com o passar dos anos, em decorrência da ampliação do número de escolas e de mais acesso ao ensino pelas mulheres e pela formação de professores no Ceará.

Percebemos que o saber docente sempre esteve ligado às instituições escolares, assim como o saber científico foi se materializando a partir da existência das instituições acadêmicas e científicas.

Essa realidade foi sendo modificada com o passar do tempo, e a instituição escolar passou por diferentes fases, que eram direcionadas pelas diversas gestões políticas. A cada governo novas mudanças. Um dos fatos mais interessantes da história do Liceu que influenciou diretamente na vida de seus professores, ocorreu em 1962, na gestão do Governo Parsifal Barroso, ex-aluno e ex-professor do Liceu. Este equiparou os salários dos professores quase no mesmo patamar do vencimento dos desembargadores, lembrado por Sabóia (op. cit, p.33), em suas memórias, no “Liceu que viveu”.

Tempos após, foi ocorrendo a gradativa desvalorização da instituição de ensino, acompanhando o decaimento da educação pública brasileira e cearense. Dentre os motivos alegados para decadência do Liceu,- Lóssio e Sabóia (1995), apontam: a expansão sem planejamento, desvalorização dos salários dos professores, sobretudo, a partir da década de 1980; a criação das universidades federal, estadual e a UNIFOR, atraindo os melhores professores; desatualização do acervo da biblioteca e dos laboratórios, constante expansão da

⁶ “Nos regulamentos de 1833 a 1856 o ensino para as meninas se restringia a ler, escrever, contar e à formação do espírito (princípios morais e religiosos). Em detrimento do ensino da História e da Geografia era oferecido às meninas o trabalho com as agulhas. Este saber era entendido como próprio do sexo feminino. Esta diferenciação no programa escolar feminino pode ser compreendida a partir do papel social desempenhado pela maioria das mulheres no século XIX. A mulher era educada para o casamento, para ser uma boa esposa e mãe”. (DANTAS, 2010, p. 13).

rede de ensino, em especial, a privada, gerando concorrência e atraindo os alunos mais estudiosos; além da falta de concursos para novos professores com altos níveis.

Com a expansão das instituições privadas, afirmou Boanerges Sabóia (1995), o Liceu foi gradativamente perdendo seu posto de escola modelo das elites. Por outro lado, o ensino dessa instituição teve que se adequar aos novos padrões republicanos como uma escola pública, gratuita, laica e comprometida com a formação escolar, mesmo que esta formação não tivesse mais os mesmos atributos de outrora.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, José Pompeu de A. **O Ceará em 1887**: Corographia da Província do Ceará. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporânea**: una introducción a la Geografía. Barcelona: Temas Universitarios, Barcanova, 1981.

_____. Historia de la Ciencia e Historia de las Disciplinas científicas. **Revista Geocrítica**, Cuadernos Críticos de Geografía Humana. Barcelona: Universidade de Barcelona, año XII, Nº 84, Diciembre de 1989.

_____. **Geografía Humana y Ciencias Sociales**: uma perspectiva histórica. España: Montesinos. S/d, 137p.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino no Ceará**. Monografia N. 22. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial. 1970, p.339. Coleção Instituto do Ceará.

DANTAS, Elza Alves. **As Letras da Lei X As Leis da Letra**: Exames de Capacidade Profissional e a Instrução Pública na Província do Ceará (1856 – 1888). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE: UFC, 2010. 140f.

JÚNIOR, Menezes Pimentel. **Corografia Física e Política do Estado do Ceará**. Fortaleza: Editora J. R de Oliveira & C, 1935. 96 p. (adotado nas escolas de ensino primário em 1935).

MARTINS FILHO, Antônio. **O Outro Lado da História**. Fortaleza: Editora Universidade Federal do Ceará, 1983, 422p.

MENEZES, Antonio Bezerra. **Descrição da Cidade de Fortaleza. Introdução e notas de Raimundo Girão**. Fortaleza-CE: UFC, Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992. (Casa de José de Alencar - Programa Editorial).

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia – Pequena História Crítica**. 20a ed. São Paulo: Annablume, 2005. 152p.

PAIVA, Melquíades Pinto. **Os Naturalistas e o Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002. 354p.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 383p. (Coleção Docência em Formação – ensino fundamental).

SABÓIA, Boanerges. **O Liceu que conheci**. Fortaleza: Tipografia Minerva. 1995, 141p.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu: um geógrafo do poder no Império do Brasil**. 1997, 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1997.

VITOR, Hugo. **O Liceu do Ceará em cem anos**. Fortaleza-CE: Tipografia Iracema, 1945.